

IRÃ ALERTA ISRAEL CONTRA GUERRA APOCALÍPTICA

Por M. K. Bhadrakumar*



O líder supremo do Irã, aiatolá Khamenei, em uma cerimônia de graduação de oficiais das Forças Armadas na Academia Imam Ali em Teerã, Irã, em 10 de outubro de 2023 (Website do Líder Supremo do Irã).

O cerne da questão é que os Estados Unidos e Israel estão enfrentando hoje um Irã muito diferente do que estavam acostumados nas últimas quatro décadas.

Em meio às crescentes especulações nos EUA sobre o envolvimento de Teerã no ataque do Hamas a Israel no último sábado e à suposta decisão do Pentágono de enviar até o fim de semana um segundo porta-aviões para o Mediterrâneo Oriental, o líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, falou pela primeira vez sobre a situação explosiva.

Khamenei falou em Teerã na terça-feira na qualidade de comandante-em-chefe das Forças Armadas do Irã, escolhendo a ocasião da cerimônia anual conjunta de graduação dos cadetes das academias militares do Irã para abordar o assunto.

Num movimento sem precedentes, excertos das observações de Khamenei foram transmitidos em hebraico ao público israelense.

A [declaração](#) de Khamenei alerta Israel contra quaisquer movimentos precipitados dos quais possa vir a arrepender-se mais tarde. Khamenei antecipou a “derrota irreparável” de Israel. Ele disse que “a matança de homens, mulheres, crianças e idosos palestinos, a profanação da mesquita al-Aqsa, o espancamento de fiéis e a libertação de colonos armados para atacar o povo palestino estão entre as atrocidades cometidas pelo regime sionista”.

Khamenei destacou três pontos-chave em seu discurso:

- Primeiro, Israel está no caminho errado ao embarcar numa guerra deste tipo contra Gaza. “Os governantes e decisores do regime sionista e seus apoiadores devem saber que estas ações lhes trarão um desastre maior, e o povo palestino, com uma determinação mais firme, esbofeteará com mais força as suas caras horríveis em resposta a estes crimes.”;
- Em segundo lugar, o boato “espalhado pelos elementos do regime sionista e pelos seus apoiadores” sobre o envolvimento de “não-palestinos (leia-se Hezbollah) incluindo o Irã” nos acontecimentos recentes é “absurdo”;
- Terceiro, e mais importante, Khamenei prefaciou suas observações descrevendo as forças armadas do Irã como “a fortaleza de aço da segurança, honra e identidade nacional”. Ele lembrou o brilhante histórico das Forças Armadas iranianas na guerra de oito anos com o Iraque, que também foi uma guerra mundial, e mais tarde, na frustração da “conspiração perversa” dos EUA para criar o ISIS e desestabilizar a região, sendo o Irã o alvo final.

Khamenei foi praticamente explícito ao afirmar que as Forças Armadas do Irã estão em um estado de prontidão e têm a capacidade de defender o país em caso de situação difícil. Dito isto, ele também fez uma observação matizada de que “todo o mundo islâmico é obrigado a apoiar a nação palestina”.

O resultado final é, nas palavras de Khamenei: “Dos aspectos militares e de inteligência, esta derrota (de Israel) é irreparável. É um terremoto devastador. É improvável que o regime usurpador consiga usar a ajuda do Ocidente para reparar os impactos profundos que este incidente deixou em suas estruturas dominantes.”

Na verdade, Israel enfrenta uma grave crise existencial devido à desunião interna e à irrelevância da sua capacidade militar para enfrentar os desafios da guerra híbrida que atravessa. O Irã, portanto, vê que a vantagem reside no eixo da resistência.

Curiosamente, o Egito revelou que tinha alertado Israel sobre um ataque iminente em grande escala por parte do Hamas, mas Israel não agiu. É certo que, em algum momento, haverá um balanço em Israel. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu terá dificuldade em explicar. Por outro lado, normalmente, ele tentará encobrir e fomentar a xenofobia com gritos de guerra para distrair a atenção.

Em uma perspectiva geral, é inconcebível que, dadas as consequências catastróficas, os EUA se atrevam a atacar o Irã. Mas existirá a tentação de fazer recuar o Hezbollah no vizinho Líbano, aproveitando a oportunidade presente e, em segundo lugar, desestabilizar seriamente a situação síria enquanto a Rússia continua preocupada com a Ucrânia – isto é, fazer uma tentativa desesperada de desfazer os ganhos do assim chamado Eixo de Resistência liderado pelo Irã durante a última década e além. Portanto, não há dúvida de que este continua a ser um potencial ponto de conflito no que diz respeito ao Irã, e Teerã permanecerá vigilante para não perder terreno no Levante.

O cerne da questão é que os EUA e Israel enfrentam hoje um Irã muito diferente daquele a que estavam habituados nas últimas quatro décadas e mais desde a Revolução Islâmica de 1979. Considere o seguinte:

- O Irã já não está isolado e superou com sucesso as sanções ocidentais;
- A adesão ao BRICS é uma mudança de jogo para a integração do Irã na comunidade global.
- O Irã é um Estado pioneiro no seu programa de armas nucleares, desfrutando de fortes relações com a Rússia e a China e pode até inclinar a balança na correlação de forças na Ásia Ocidental e nas regiões vizinhas e até mesmo a nível internacional.
- O Irã já não está preso numa rivalidade regional debilitante com a Arábia Saudita e o abrandamento das situações de conflito no Iêmen e na Síria cria espaço para Teerã manobrar na arena diplomática (o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã está coordenando ativamente com seus homólogos na região).

Tudo isto permite ao Irã passar para a próxima fase de desenvolvimento e avançar sua presença global e expandir sua influência. Basta dizer que o Irã está cada vez mais à frente de Israel na dinâmica de poder da região. Sendo um país muito menor, com um futuro incerto e que é chamado a ajustar-se à nova realidade da contenção dos EUA, Israel já não está na mesma categoria que o Irã. A operação do Hamas expõe esta realidade geopolítica.

Uma guerra prolongada em Gaza será um dreno colossal dos recursos de Israel e só poderá enfraquecer o país. Seu resultado permanece uma incógnita. Mas, por outro lado, Israel acredita que também não tem opções diplomáticas. Além disso, se o Hezbollah entrar na briga, tudo o que aconteceu no sábado passado em Israel parecerá um piquenique. Com o seu enorme arsenal de mísseis avançados – perto de 200.000 foguetes apontados para praticamente todos os cantos de Israel – o Hezbollah tem capacidade de destruir Israel de forma abrangente.

Principalmente, a [implantação de dois porta-aviões dos EUA](#) no Mediterrâneo Oriental visa enviar uma mensagem forte ao Hezbollah. Por outro lado, destaca também que, além da Ucrânia e de Taiwan, o teatro da Ásia Ocidental continuará a envolver os EUA num futuro previsível. Se isto não é uma sobrecarga imperial, o que é? Algo tem que ceder.

Estes são os primeiros dias. Entretanto, a frente unida da UE na guerra de Israel com o Hamas já [mostra as primeiras fissuras](#). Na segunda-feira, poucas horas após o anúncio de que a UE colocaria sob revisão 691 milhões de euros em ajuda à Autoridade Palestina, com todos os pagamentos imediatamente suspensos, o chefe da política externa, Josep Borrell, interveio para retratar-se, dizendo que a Comissão “não suspenderá os devidos pagamentos” e que “punir todo o povo palestino” “prejudicaria os interesses da UE na região e apenas encorajaria ainda mais os terroristas”.

Surgiram divergências entre os países da UE sobre o conflito. Historicamente, Israel-Palestina é [uma das questões mais controversas na UE](#). Vários países –

incluindo a Irlanda, Luxemburgo e Dinamarca – procuraram uma referência à desescalada no texto comum da UE sobre o conflito, ao qual outros se opuseram. A França, os estados nórdicos, a Bélgica e a Irlanda apoiam tradicionalmente uma posição que é vista por alguns outros países como demasiado pró-Palestina.

Muito obviamente, com quase nenhum país do Sul Global – com exceção de um punhado de casos como a Índia –apressou-se para expressar “solidariedade” com Israel na sua guerra apocalíptica com Gaza, e com as contradições dentro de Israel à espera de implodir mais cedo ou mais tarde, Teerã tem razão em acreditar que está do lado certo da história.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
